

---

## TRICOTOMIA

---

---

---

---

*Joffre Marcondes de Rezende*<sup>1</sup>

**Tricotomia** é um exemplo típico da chamada forma convergente de uma palavra, ou seja, uma palavra formada com base em mais de um étimo, o que lhe confere significados distintos. Em português, a palavra *tricotomia* é formada dos radicais oriundos da língua grega *trico* + *tome* + sufixo *-ia*.

Em grego há duas palavras muito semelhantes: o advérbio *trikha*, “em três partes”, e o substantivo *thriks, trikhós*, “cabelo, pêlos” (1, 2). Ambas dão origem ao radical *trico*, em português. *Tomo*, por sua vez, deriva de *tomé*, do verbo *témno*, cortar. Deduz-se, portanto, que *tricotomia* pode significar tanto “separar, dividir em três partes” como “cortar o cabelo ou os pêlos”.

Na formação das línguas modernas, prevaleceu a primeira acepção, cuja datação histórica, em inglês, é de 1610 (3). Em português, o vocábulo foi introduzido em 1877, segundo Houaiss (4), e em 1881, segundo Cunha, vindo do francês (5). Encontrou aplicação em diferentes áreas do saber, como em botânica, matemática, lingüística, teologia, sociologia e outras. Em botânica designa, especificamente, o caule de uma planta que se divide em três galhos e cada galho, por sua vez, em três ramos e, assim, sucessivamente.

Em outros campos do conhecimento, define qualquer situação em que um tema, ou um objeto, apresenta três componentes, ou é dividido em três partes para melhor compreensão ou análise.

*Tricotomia*, como termo próprio da linguagem médica, na acepção de corte de cabelo e de pêlos, não se encontra averbado em dicionários médicos em inglês ou francês. Também não o encontramos em português nos léxicos do século XIX e em muitos outros mais modernos, nem mesmo no mais completo deles, que é o de Houaiss-Villar (4).

---

1 Professor Emérito da Universidade Federal de Goiás.

Endereço para correspondência: e-mail: [jmrezende@cultura.com.br](mailto:jmrezende@cultura.com.br) <http://usuarios.cultura.com.br/jmrezende>

Recebido para publicação em: 17/10/2008.

Encontra-se o seu registro na terceira edição do Novo Aurélio (6), no Michaelis (7), no *Dicionário de usos do português do Brasil*, de Francisco Borba (8), e no *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa*, de Silveira Bueno, editado pelo Ministério da Educação (9). Nos dois primeiros dicionários citados, o termo *tricotomia*, na acepção de corte de cabelo ou de pêlos, é referido como brasileirismo.

Em que pese à sua ausência na maioria dos léxicos, *tricotomia* é, já há algum tempo, termo corrente do vocabulário de enfermagem nos hospitais, com o significado de raspagem da pele na região a ser operada, como medida de antissepsia no preparo pré-operatório dos doentes.

Pedro A. Pinto, na oitava edição do seu *Dicionário de Termos Médicos*, de 1962, adverte que o verdadeiro sentido de *tricotomia* é o de corte do cabelo ou dos pêlos, e não o de raspagem da pele. Para esta prática propôs o neologismo *tricoxisma*, do grego *xysma*, ato de raspar, que não prosperou (10).

O fato de o termo *tricotomia*, na acepção de corte de cabelo ou de pêlos, ser considerado de uso restrito ao nosso país não o desmerece, a nosso ver, visto que se trata de um termo etimologicamente correto e que encontra suas raízes no grego clássico, no qual já havia o verbo *trikhotoméo* com duplo sentido: a) cortar o cabelo; b) separar em três partes (2).

Na literatura médica brasileira, há 35 artigos indexados pela BIREME no período de 1982 a 2008, nos quais foi usada a palavra *tricotomia* na acepção de corte de cabelo ou pêlos. Em sete artigos redigidos ou resumidos em inglês, a palavra *tricotomia* foi adaptada a esse idioma nas formas *tricotomy* (dois artigos) e *trichotomy* (cinco artigos). O termo foi utilizado em diferentes situações, referindo-se ao corte do cabelo nos traumatismos cranianos, aos pêlos de animais em experimentos de laboratório (rato, gato, cão) e à raspagem da pele como medida antisséptica pré-operatória (11).

A tendência atual é a de abandonar a prática da *tricotomia* na prevenção das infecções cirúrgicas por falta de comprovação científica de seu benefício.

Os termos técnicos formados com base em radicais gregos e latinos são patrimônio da atual civilização e não pertencem a nenhum idioma em particular, são de uso universal, com as adaptações morfológicas das palavras às normas próprias de cada língua.

Estamos habituados a empregar apenas termos importados do primeiro mundo, onde a ciência e a tecnologia são mais avançadas, e relutamos em admitir que possamos também enriquecer o léxico sem cometer deslizes.

**Adendo:** Recordo-me que, durante o meu curso médico, trabalhava nas dependências da Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, um barbeiro a quem os estudantes chamavam carinhosamente de “Fígaro”. Havia um cartaz afixado na parede com o preço da *tricotomia*, em lugar de *corte de cabelo*.

## REFERÊNCIAS

1. Bailly A. *Dictionnaire grec-français*. 16. ed. Paris, Lib. Hachette, 1950.
2. Liddell HG, Scott R. *A greek-english lexicon*. 9.ed., Oxford, Claredon Press, 1983.
3. *Oxford English Dictionary (Shorter)*. 3.ed. Oxford, Claredon Press, 1978.
4. Houaiss A, Villar MS. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.
5. Cunha AG. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira S.A., 1986.
6. Ferreira ABH. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3.ed. Rio de Janeiro, Ed. Nova Fronteira, 1999.
7. Michaelis. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo, Cia. Melhoramentos, 1998.
8. Borba FS. *Dicionário de usos do português do Brasil*. São Paulo, Editora Ática, 2002.
9. Bueno FS. *Dicionário escolar da língua portuguesa*. 11.ed. Rio de Janeiro, MEC/FENAME, 1980.
10. Pinto PA. *Dicionário de termos médicos*. 8. ed. Rio de Janeiro, Ed. Científica, 1962.
11. BIREME. Internet. Disponível em <http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/> Acesso em 2/8/2008.